

## UM ESTUDO DISCURSIVO-FUNCIONAL DE “ASSIM” NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA: NÍVEIS E CAMADAS DE ATUAÇÃO

Edson Rosa Francisco de SOUZA\*

**ABSTRACT:** *The aim of the paper is to analyze the uses of assim under the perspectives of Grammaticalization theory (TRAUGOTT, 1982, 1999) and Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). The proposal is to show that the grammaticalization process of assim in spoken portuguese of northwest of the State of São Paulo may be analyzed according to the levels and layers of FDG organization.*

**KEYWORDS:** *Item assim; Grammaticalization; Functional Discourse Grammar.*

### 1. Introdução

A classe adverbial, em geral, é bastante heterogênea e multifuncional (ILARI *et alii*, 1990; CASTILHO, 1997; NEVES, 1992; LONGHIN-THOMAZI, 2003; LOPES-DAMÁSIO, 2008, dentre outros). Em um trabalho sobre os itens adverbiais, Ilari *et alii* (1990, p. 85) assinalam que alguns advérbios, em especial os dêiticos, podem aplicar-se “a unidades cujas dimensões ultrapassam não só os limites dos constituintes, como também os da sentença”. Para os autores, essa passagem do plano referencial para o plano discursivo acontece porque “entre a dêixis propriamente dita e a anáfora, e entre a anáfora e as operações discursivas, há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência” (p. 86). Para Braga (2001), é exatamente essa instabilidade funcional que permite ao item adverbial exercer diferentes funções linguísticas.

Partindo, pois, dessas primeiras observações, o objetivo do é mostrar, sob a perspectiva teórica da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e da Gramaticalização (GR), que o item linguístico *assim* pode ser perfeitamente analisado com relação aos níveis (Representacional e Interpessoal) e às camadas (semânticas e pragmáticas) de organização da GDF, no sentido de que a sua movimentação nos níveis e nas camadas da GDF pode ser elencada como uma evidência linguística de que este item linguístico está se gramaticalizando na língua, assumindo diferentes funções textuais e discursivas ao longo do seu percurso de mudança linguística, em direção às dimensões textual e interacional da língua.

O artigo está organizado da seguinte forma: A seção 2 traz uma rápida discussão sobre a classe adverbial e a gramaticalização. A seção 3 faz uma apresentação da GDF. As seções 4 e 5 trazem a análise de *assim* no português falado do noroeste paulista. Em 6 listamos algumas generalizações dos usos de *assim*. Por fim, trazemos as considerações finais.

### 2. A classe adverbial e o processo de Gramaticalização

A multifuncionalidade do item *assim* é decorrente da própria natureza heterogênea da classe adverbial a qual pertence. A instabilidade categorial de *assim* e de outros itens adverbiais aponta para um processo de mudança linguística desses elementos. Por isso, a classificação dos advérbios como uma categoria discreta é problemática. Desde a tradição

---

\* Professor Adjunto I – Língua Portuguesa e Linguística; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS – Câmpus de Três Lagoas; Programa de Pós-Graduação em Letras. Email: edsrosa@yahoo.com.br

filosófica de Barbosa (1881) até gramáticos mais modernos como Bechara (1999) e Cunha & Cintra (1985), a classe dos advérbios se diferenciou das demais devido principalmente a dois critérios, um *morfológico* e outro *semântico*. Pelo primeiro critério, os advérbios consistem em palavras “invariáveis” ou “indeclináveis” e, pelo segundo, indicam as circunstâncias da ocorrência de um determinado estado-de-coisas, como *lugar*, *tempo*, *quantidade*, *modo*, *qualidade*, *afirmação*, *dúvida*, *intensidade*, *negação*, entre outras. No entanto, essa classificação só dá conta dos usos que se restringem à predicação (DIK, 1997), nada dizendo sobre os casos de advérbios que fogem desse contexto, ultrapassando os limites da oração.

Um uso de *assim* que se coloca entre a deiticidade e a foricidade é dado em (1):

- (1) Às vezes, ministrar diferentes tratamentos mais ou menos ao mesmo tempo pode implicar a administração a um paciente de diferentes tratamentos um após o outro, o **assim** chamado estudo cruzado “Martini 1932” (Google).

Em (1), tem-se um caso de *assim* que mescla a noção de advérbio de modo com a noção de advérbio catafórico. É um uso que muitos autores classificam como dêitico textual. Em (1), ao mesmo tempo em que remete cataforicamente a um certo “estudo”, o item *assim* explicita o modo como esse estudo é chamado, isto é, o *estudo cruzado Martini 1932*.

Considere, agora, o exemplo (2), em que *assim* cumpre uma função bem distinta:

- (2) João vai comprar comida, **assim** todos podem almoçar.

No exemplo (2), diferentemente de outros usos, o item *assim* atua como uma conjunção, estabelecendo a relação semântica de conclusão entre duas proposições. Nesse caso, o que se observa é que a mobilidade sintática está diretamente relacionada à expansão funcional do item *assim*, que passa de advérbio de modo à conjunção coordenativa conclusiva.

Conforme se pode notar, o item *assim* exerce diferentes funções no português, motivo pelo qual argumentamos em favor da existência de um processo de GR atrelado a ele. Em geral, a GR pode ser definida como um processo de mudança lingüística de caráter unidirecional, no interior do qual itens ou “construções lexicais” (TRAUGOTT, 2003) passam a exercer funções gramaticais, podendo, ainda, assumir outras funções gramaticais com a continuação do processo. Nesse sentido, sempre que um item lexical adquire uma função gramatical ou quando um item já gramatical por natureza assume uma função ainda mais gramatical, o que se tem é um típico caso de GR. As construções (3) e (4) com o verbo *gi* “dar”, da língua Akan, da família Niger-Congo (Gana, África), ilustram esse processo:

- (3) Akan (SEBBA, 1987, p. 50)  
*Kofi gi Amba wan buku*  
Kofi dar Amba um livro  
'Kofi deu a Amba um livro.'
- (4) Akan (SEBBA, 1987, p. 50)  
*Kownu seni wan boskopu gi Tiger*  
Rei enviar uma mensagem dar Tiger  
'O Rei enviou uma mensagem para Tiger.'

Ambas as construções apresentam três argumentos (sujeito, objeto direto e objeto indireto/recipiente), no entanto, em (3), o argumento recipiente *Amba* é introduzido na sentença sem o auxílio de preposição (forma não marcada), ao passo que em (4) o argumento recipiente *Tiger* é introduzido por meio do verbo serial *gi* “dar”. O que se observa nesses

exemplos é que, em (3), *gi* é usado como verbo pleno, enquanto em (4) o verbo *gi* é usado com o significado da preposição *para* (*to/for*, do Inglês). Isso acontece porque, em Akan, a alternância de construções, que é uma característica do Inglês (como em *I gave the book to John = I gave John the book*), só é possível por meio do uso do verbo *gi* em série. De acordo com Schiller (1999), as línguas que não dispõem de muitas preposições para inserir o terceiro argumento do verbo na sentença tendem a empregar os verbos seriais como forma gramatical para exercer essa função. Nesse sentido, é por assumir uma nova função na gramática da língua, a de preposição, que o verbo *gi* é elencado como um caso de GR. Isto é, de verbo pleno (predicado de três lugares), *gi* passou a exercer a função de preposição.

Dos autores que discutem questões sobre mudança linguística, chamamos a atenção para Heine *et alii* (1991), Hopper & Traugott (1993) e Bybee (2003), que compartilham de uma noção semelhante de GR, assentada basicamente no reconhecimento de que a passagem de um item lexical a um item gramatical (ou de um item gramatical para um item ainda mais gramatical) ocorre de maneira gradual, num sentido unidirecional. Em outras palavras, o que essas propostas têm em comum é que a distinção entre elementos lexicais e elementos gramaticais não é entendida de forma *dicotômica* (ou é lexical ou é gramatical), mas sim como *continuum* de GR, que aponta para existência de categorias não-discretas (híbridas), que se distribuem entre os dois extremos desse continuum [+ Lex → + Gram].

Heine *et alii* (1991) definem a GR utilizando os conceitos de *palavra-fonte* e *palavra-alvo*. Para os autores, as palavras-fontes são aquelas que atuam como fonte do processo de mudança linguística, uma vez que são elementos que possuem significação própria e tendem a codificar objetos concretos pertencentes ao mundo sócio-físico do falante/ouvinte (SWEETSER, 1991), e, por isso, estão geralmente associados a processos, localizações e ao sistema dêitico da língua. Já as palavras gramaticais (ou alvo), segundo Heine *et alii* (*op.cit.*), são aquelas que estão mais estreitamente relacionadas a elementos abstratos da língua, sendo, portanto, desprovidas de significado próprio, característica esta que as coloca no rol de palavras que são dependentes de outras palavras ou então do contexto de uso. São exemplos de palavras gramaticais os auxiliares, os clíticos e os afixos (prefixos, infixos e sufixos).

Na proposta de Heine *et alii* (1991), a GR é definida como processo cognitivo, em que conceitos concretos (espaço físico, tempo, etc) são utilizados para compreender, descrever ou explicar fenômenos mais abstratos (articulação de orações) pertencentes à língua. Assim, os autores explicam que o ‘surgimento’ de *novas formas* linguísticas é motivado por questões pragmáticas, a partir de associações metafóricas e metonímicas realizadas pelo falante.

A definição de GR adotada neste trabalho, que é compatível com a GDF, ressalta que o *processo* de GR se dá quando um item lexical se torna mais gramatical ou quando um item menos gramatical se torna ainda mais gramatical (dependente do contexto). Além disso, com base nos postulados teóricos de Traugott (1982), Hopper & Traugott (1993) e Traugott (1995), consideramos que a GR pode ser entendida como um processo de *pragmatização*, em que usos mais gramaticais e abstratos passam a atuar no domínio comunicativo (ou conversacional de Sweetser, 1991), exercendo funções mais expressivas, dentre as quais estão os usos de itens linguísticos como marcador discursivo, operador aproximativo, etc.

Do ponto de vista diacrônico, não há como negar, segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), que os fenômenos gramaticais derivam unidirecionalmente de unidades lexicais. É uma questão que tem sido, conforme os autores, atestada nos estudos de GR. Hengeveld & Mackenzie reconhecem ainda que do estágio inicial ao estágio final de mudança, um dado elemento pode compartilhar ou conservar propriedades dos estágios iniciais, aspecto que é captado pelo princípio da *persistência* de Hopper (1991). Já do ponto de vista sincrônico, Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 7) postulam uma distinção “didática” entre elementos lexicais e elementos gramaticais (cf. KEIZER, 2007), na medida em que ela é “importante

para o modo como esses elementos serão analisados na GDF”. Isso significa dizer, apesar de não ser discutido na GDF, que os autores reconhecem que as categorias lexicais e gramaticais não são categorias discretas, o que referenda a noção de *continuum* de alguns autores. No entanto, entendem que a distinção entre um uso e outro é essencial para a análise.

### 3. A Gramática Discursivo-Funcional

Para Hengeveld & Mackenzie (2008), a GDF apresenta os seguintes aspectos: (i) busca modelar a competência gramatical de usuários das línguas; (ii) assume o ato discursivo, não a oração, como unidade básica de análise; (iii) a GDF interage sistematicamente com os componentes conceitual, contextual e de expressão, que antes não tinham sido contemplados na Gramática Funcional de Simon Dik; (iv) a organização hierárquica da GDF é descendente (parte das intenções comunicativas), enquanto a da GF é ascendente, e, por fim, (v) a GDF inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte da estrutura subjacente.

Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 2), a GDF pode ser definida como uma teoria que procura entender como as unidades lingüísticas são estruturadas em termos do mundo que elas descrevem e das funções comunicativas que elas expressam na língua. Para a GDF, o discurso constitui o suporte das unidades lingüísticas de níveis mais baixos. Dessa forma, a GDF inicia-se com a formulação da intenção do falante, finalizando com a realização da expressão lingüística, ao passo que a GF inicia-se com a seleção de itens lexicais para, em seguida, expandir gradualmente a estrutura subjacente da oração para outras camadas.

Uma outra diferença é que, na GDF, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe e, juntas, a pragmática, a semântica e morfossintaxe governam a fonologia. Essa mudança é, conforme Hengeveld & Mackenzie (2008), motivada pelo postulado de que a “eficiência de um modelo de gramática é tanto maior quanto mais se aproximar do processamento cognitivo”. Isso porque, segundo os autores, estudos psicolingüísticos demonstram que a produção lingüística é um processo descendente, que parte do componente cognitivo em direção ao componente de expressão. No entanto, é importante destacar que a GDF não constitui um modelo de produção lingüística, mas sim uma teoria da gramática que tenta usar evidência psicolingüística em sua arquitetura básica.

#### 3.1. Níveis de organização da GDF

Hengeveld & Mackenzie (2008) postulam um modelo de gramática organizado em quatro níveis (conferir a figura 1), em que cada nível é concebido como um módulo separado e internamente organizado em camadas de complexidade lingüística. Outra diferença na GDF é o reconhecimento de um componente contextual e um componente cognitivo, que contêm elementos essenciais do contexto, considerados relevantes para os demais módulos da gramática. O componente gramatical (que engloba os quatro níveis de organização da linguagem) é conectado ao componente conceitual, ao contextual e de expressão.

Na GDF, de acordo com Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 25), faz-se uma rígida separação entre dois tipos de operação: FORMULAÇÃO por um lado, e CODIFICAÇÃO por outro, uma vez que este modelo busca desenvolver um arcabouço teórico que possibilite uma descrição sistemática de um maior número possível de línguas naturais. O processo de formulação está relacionado à especificação das configurações pragmáticas e semânticas de uma língua, independentemente da expressão de tais configurações. Nesse sentido, o processo de codificação está preocupado com as formas morfossintáticas e fonológicas que essas configurações pragmáticas e semânticas podem acarretar numa dada língua. Vejamos:

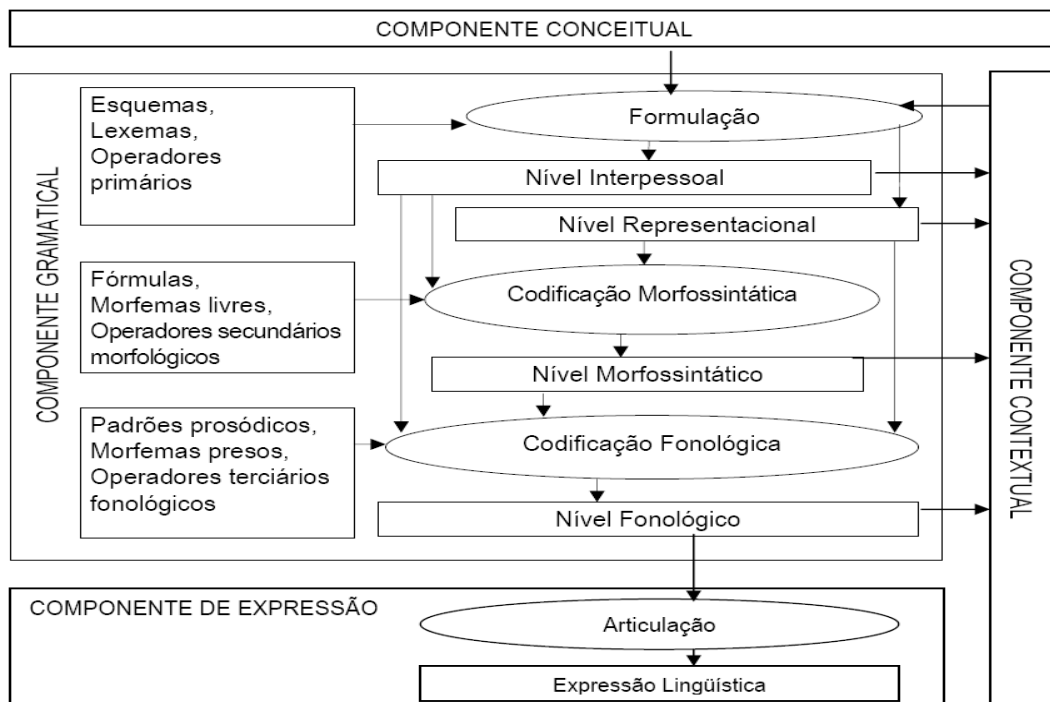


Figura 1- Plano geral da GDF (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008)

Para Hengeveld & Mackenzie (2008), a presença de referência anafórica dentro dos quatro níveis de organização é o que justifica a criação de um sistema modular:

Conceitos	Níveis de organização da GDF	Operações da GDF
Pragmático	Nível Interpessoal (5) A: Saia daqui. B: Não fale <i>assim</i> comigo.	Formulação
Semântico	Nível Representacional (6) A: Há muitos cachorros nas ruas. B: Eu não notei <i>isso</i> .	
Morfologia Sintaxe	Nível Morfossintático (7) A: Eu comi <i>chuletas de cordeiro</i> no almoço. B: É <i>assim</i> que diz costelas de cordeiro em Espanhol?	Codificação
Fonologia	Nível Fonológico (8) A: Eu comi /tʃuˈletasdekorˈdero/ no almoço. B: <i>Isso</i> não deveria ser ˈtʃuˈletasdeθorˈdero/?	

Quadro 1 - Relação entre níveis de organização e as operações da GDF

Para Hengeveld & Mackenzie (2008), as operações de formulação atuam somente nos níveis pragmático e semântico, ao passo que as operações de codificação operam nos níveis morfossintático e fonológico. Em (5b), o item anafórico *assim* se refere a uma estratégia comunicativa escolhida por (5a). Já em (8b), o elemento anafórico *isso* se refere a uma situação do mundo externo, que é descrita em (8a). Trata-se de uma unidade semântica (representacional). Já a referência anafórica em (7b) e (8b) é diferente, pois é de natureza metalingüística (uma atividade reflexiva sobre a linguagem). Em (7b), *assim* não se refere à entidade ‘*chuletas de cordeiro*’, mas ao sintagma em si. Em (8b), *isso* aponta para uma unidade fonológica.

A depender da modalidade de expressão escolhida pelo falante (fala ou escrita), o *componente de expressão* pode gerar expressões ortográficas ou acústicas, via operação de *articulação*<sup>1</sup>. Já o *componente contextual* contém, conforme Hengeveld & Mackenzie (2008), uma descrição do domínio discursivo tal como é construído no processo de interação.

### 3.1.1. O Nível Interpessoal

O nível interpessoal lida com os aspectos formais de uma unidade lingüística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte<sup>2</sup>. Segundo a arquitetura geral da GDF, as unidades discursivas relevantes nesse nível são hierarquicamente organizadas em camadas:

( $\Pi M_1$ : [ ( $\Pi A_1$ : [ ( $\Pi F_1$ : ILL ( $F_1$ ): $\Sigma (F_1)$ ) $_{\Phi}$ ( $\Pi P_1$ : ... ( $P_1$ ): $\Sigma (P_1)$ ) $_{\Phi}$ ( $\Pi P_2$ : ... ( $P_2$ ): $\Sigma (P_2)$ ) $_{\Phi}$ ( $\Pi C_1$ : [ ( $\Pi T_1$ [...] ( $T_1$ ): $\Sigma (T_1)$ ) $_{\Phi}$ ( $\Pi R_1$ [...] ( $R_1$ ): $\Sigma (R_1)$ ) $_{\Phi}$ ] ( $C_1$ ): $\Sigma (C_1)$ ) $_{\Phi}$ ] ( $A_1$ ): $\Sigma (A_1)$ ) $_{\Phi}$ ] ( $M_1$ ): $\Sigma (M_1)$ ) $_{\Phi}$	Movimento Ato Ilocução básica Falante Ouvinte Conteúdo Comunicado Subato de Adscrição Subato de Referência Conteúdo Comunicado Ato Movimento
---	--

Quadro 2 - As camadas de organização do Nível Interpessoal

De acordo com Hengeveld & Mackenzie (2008), o *movimento* ( $M$ )<sup>3</sup>, definido na GDF como a camada mais elevada da hierarquia, descreve o segmento inteiro de discurso que é considerado relevante no processo de interação. Um movimento, por sua vez, é constituído de um ou mais *atos* temporalmente ordenados que, juntos, formam o núcleo (simples ou complexo). Cada *ato discursivo* ( $A$ ) se organiza com base em um esquema *ilocucionário* (ILL), que contém dois *participantes* ( $P$ ), o Falante e o Ouvinte ( $S$ ,  $A$ ) e o conteúdo comunicado como seus argumentos. O *conteúdo comunicado* contém um número variável de *subatos adscritivos* ( $A$ ) e *referenciais* ( $R$ ), aos quais funções pragmáticas são atribuídas.

Na GDF, o *movimento*<sup>4</sup> é o veículo utilizado na expressão de intenções comunicativas do falante. Além dos casos de implicaturas (atos de fala indiretos), essas intenções podem ser: convite, informação, questionamento, ameaça, advertência, recomendação etc. Já a *ilocução* indica o propósito de nossos atos verbais e os *participantes* representam o falante e o ouvinte, enquanto o *conteúdo comunicado* contém a totalidade do que o Falante deseja evocar durante a interação. Os exemplos (9) e (10) representam alguns tipos de movimento no português:

<sup>1</sup> As regras de expressão de Dik estão alojadas nas operações de formulação, codificação e articulação da GDF.

<sup>2</sup> Na GDF, o seqüenciamento de ações lingüísticas presentes em todas as camadas da hierarquia reflete, por assim dizer, a ordem das atividades estratégicas colocadas em prática pelo falante.

<sup>3</sup> Em português, o termo *move*, usado na GDF como movimento, lance ou jogada, é traduzido em Gasparini-Bastos (2004) e Souza (2009) como *movimento*.

<sup>4</sup> Com a adoção do ato discursivo como unidade básica de análise, vários problemas da GF de Dik, como a divisão da sentença em constituintes oracionais e extra-oracionais, foram resolvidos. Os exemplos (a) e (b) constituem casos de movimento com dois atos discursivos, em que um é definido como subordinado (dependente) e o outro como nuclear:

a) A Maria, ela esteve aqui. ( $\Pi M_1$ : [( $\Pi A_1$ : [...] ( $A_1$ ) $_{Orient}$  ( $\Pi A_2$ : [ ... ] ( $A_2$ ) $_{Nucl}$ ) ( $M_1$ ) $_{\Phi}$ ]) $_{\Phi}$

b) Ela esteve aqui, a Maria. ( $\Pi M_1$ : [( $\Pi A_1$ : [...] ( $A_1$ ) $_{Nucl}$  ( $\Pi A_2$ : [ ... ] ( $A_2$ ) $_{Corr}$ ) ( $M_1$ ) $_{\Phi}$ ]) $_{\Phi}$

- (9) A: *Onde você estuda?* (M1)<sub>Iniciação</sub>  
 B: *Eu estudo em São Paulo.* (M2)<sub>Reação</sub>
- (10) A: *Qual é a capital do Brasil?* (M A1)<sub>Iniciação</sub>  
 B: *Brasília. (M B1)<sub>Reação</sub> Por quê?* (M B2)<sub>Iniciação</sub>  
 A: *Eu estou fazendo a minha lição de casa.* (M A2)<sub>Reação</sub>

Em (9), temos uma estrutura interacional simples composta por dois movimentos, sendo um de iniciação (*Onde você trabalha?*) e outro de reação (*Eu trabalho em São Paulo*). Em (10), temos uma estrutura interacional um pouco mais complexa, composta por quatro movimentos (dois de iniciação e dois de reação). Nesse caso, Hengeveld & Mackenzie (2008) mostram que em (10) a correspondência entre movimento e turno não é precisa, assim como ocorre em (9), justamente pelo fato de o falante poder executar dois ou mais *movimentos* em um único turno, conforme se observa na fala de B “*Brasília. Por quê?*”. Os autores ressaltam ainda que um movimento pode ser composto por vários atos discursivos, como se verifica em (11):

- (11) A: *O que você vai comprar hoje?* (M1)<sub>Iniciação</sub>  
 B: *Eu vou querer dois quilos de carne.*  
*Um quilo de costela de vaca.*  
*E também um quilo e meio de toucinho.* (M2)<sub>Reação</sub>

Em (11), o que se nota é o movimento de reação de B, que atua como resposta a uma pergunta de A “*O que você vai comprar hoje?*”, é composto por três atos discursivos: [*Eu vou querer dois quilos de carne*], [*Um quilo de costela de vaca*] e [*E também um quilo e meio de toucinho*].

O *conteúdo comunicado* pode conter um ou mais *subatos*, que são hierarquicamente subordinados a *atos discursivos*, e se diferencia do *conteúdo proposicional*, que é uma categoria semântica do nível representacional e tem como escopo os episódios e os eventos. Diferentemente do conteúdo proposicional, o conteúdo comunicado possui seus próprios operadores (II) e modificadores ( $\Sigma$ ) interpessoais e está sempre associado ao falante.

Já os *subatos* contidos em um conteúdo comunicado podem ser: *adscritivo* e *referencial*. O *subato adscritivo* (IIT<sub>1</sub>) representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade. Ao proferir, por exemplo, “*Está nevando*”, o falante está evocando somente uma propriedade meteorológica sem evocar nenhum tipo de referente; *nevar* não está sendo atribuído a algo, mas simplesmente ‘descrito’. O *subato referencial* (IIR<sub>1</sub>), por outro lado, ocorre quando o falante evoca um referente, proferindo coisas como: *mulher, casa, gato, etc.*

### 3.1.2. O Nível Representacional

O nível representacional da GDF lida com os aspectos formais de uma unidade lingüística que reflete seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Por essa razão, as categorias representacionais referem-se à designação e não à evocação (que ocorre no nível interpessoal, resultado da relação entre falante e ouvinte). O nível representacional ou semântico cuida apenas da semântica de uma unidade lingüística. As unidades semânticas do nível representacional são organizadas como:

$(\Pi p_1:$	Conteúdo proposicional
$(\Pi ep_1:$	Episódio
$(\Pi e_1:$	Estado de coisas
$[(\Pi f_1: [$	Propriedade
$(\Pi f_1: \blacklozenge (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade lexical
$(\Pi x_1: \blacklozenge (x_1): [\sigma (x_1)_\Phi])_\Phi$	Indivíduo
...	
$] (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade
$(e_1)_\Phi]: [\sigma (e_1)_\Phi])$	Estado de coisas
$(ep_1): [[\sigma (ep_1)_\Phi])$	Episódio
$(p_1): [\sigma (p_1)_\Phi])$	Conteúdo proposicional

Quadro 3 - As camadas de organização do Nível Representacional

No nível representacional, as unidades lingüísticas são descritas em termos da categoria semântica (tipo de entidade) que elas designam. Como se vê no quadro 3, na GDF, o conteúdo proposicional (constructo mental, crença, desejo) é a camada mais alta do Nível Representacional. Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008a), os conteúdos proposicionais podem ser *factuais*, quando são porções de conhecimento ou uma crença acerca do mundo real, ou *não-factuais*, quando são desejos ou expectativas com relação a um mundo imaginário. Além disso, para os autores, os conteúdos proposicionais são caracterizados pelo fato de serem qualificados em termos de suas atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) em relação ao evento ou em termos de sua fonte ou origem do conhecimento (conhecimento comum partilhado, evidência sensorial, inferência).

Organizados, assim, de forma hierárquica, os conteúdos proposicionais contêm episódios (ep), que podem ser constituídos por um ou mais eventos dispostos numa seqüência tematicamente coerente, apresentando, sempre, uma unidade temporal (t), locativa (l) e uma conseqüente manutenção dos indivíduos (x) envolvidos. No modelo da GDF, os eventos são caracterizados por uma ou mais *propriedades* (f<sub>1</sub>), que, por sua vez, podem conter descrições de *indivíduos* (x) e outras propriedades (f<sub>2</sub>). Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), o que permite distinguir episódios de eventos é o fato de a categoria *episódio* admitir modificadores de tempo absoluto (*ontem, hoje, amanhã*, etc), e a categoria *evento* admitir modificadores de tempo relativo (como *depois do almoço, em duas horas, na parte da manhã*, etc).

### 3.1.3. Os Níveis Morfossintático e Fonológico

Para Hengeveld & Mackenzie, quanto mais se adentrar, em direção *top-down*, aos demais níveis do modelo (níveis morfossintático e fonológico), mais (trans)linguisticamente específicos os níveis se tornarão, uma vez que é no Nível Morfossintático que as representações interpessoais e representacionais são codificadas morfossintaticamente. Nesse nível de análise, sintagmas adposicionais serão relevantes somente para algumas línguas, mas não para outras. Algumas línguas são do tipo morfológico isolante, e outras do tipo aglutinante. No nível morfossintático, a unidade lingüística é analisada em termos de sua composição sintática (de seus constituintes sintáticos), começando da camada mais alta para a mais baixa: expressões lingüísticas (Le), orações (Cl), sintagmas de vários tipos (Xp), e palavras de vários tipos (Xw). Ainda, segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), é possível distinguir, dentro de cada palavra, morfemas de vários tipos (Xs) e afixos (Aff).

O modo como as categorias verbais são ordenadas em relação à raiz do verbo ilustra como as hierarquias implicativas de caráter tipológico podem explicar a ordenação de

informações lingüísticas como *aspecto, modalidade, tempo, modo, negação, pessoa, evidencialidade e ilocução* nas línguas, em especial para mostrar como essas mesmas categorias podem ser expressas entre línguas com estruturas morfossintáticas distintas.

O nível fonológico contém tanto a representação segmental quanto a representação supra-segmental de um enunciado. Para Hengeveld & Mackenzie (2008), nesse nível de organização da GDF, a expressão lingüística é analisada em termos de suas unidades fonológicas, tais como o *enunciado* (U), que é a camada mais alta do nível fonológico, a *frase intonacional* (IP), a *frase fonológica* (PP) e a *palavra fonológica* (PW), além das camadas denominadas *pé* (F) e *sílaba* (S). Apesar de reconhecerem a importância dessas duas últimas camadas para várias línguas, os autores destacam que a GDF está mais preocupada com a influência da prosódia nas expressões lingüísticas, que é o lugar onde se situa boa parte dos fenômenos lingüísticos que são relevantes para o nível fonológico da GDF.

#### 4. Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos as análises quantitativa e qualitativa dos usos de *assim* no português falado do interior paulista. O *corpus* de análise é composto por 38 inquéritos do tipo *Amostra Censo*, provenientes do Banco de dados IBORUNA, que é resultado do projeto de pesquisa intitulado “O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo” (FAPESP, nº 03/080058-6). O referido projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (IBILCE/UNESP) e pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, também da Unesp de São José do Rio Preto – SP.

##### 4.1. Funções expressas pelo item lingüístico *assim*

A tabela 1 apresenta as várias funções desempenhadas pelo item *assim* no português falado do interior paulista, que é representado pelos inquéritos do IBORUNA:

Funções expressas	Item lingüístico	%
	<i>assim</i>	
Advérbio de modo	134	11,5
Advérbio anafórico	260	21
Advérbio catafórico	425	35
Advérbio relacional	17	1,5
Conjunção coordenativa	8	0,6
Conjunção subordinativa	8	0,6
Introdutor de episódio	4	0,3
Introdutor de Conteúdo comunicado	145	12
Operador aproximativo de subato referencial	29	2,5
Operador aproximativo de subato adscritivo	86	7,5
Organizador de tópico	35	3
Marcador discursivo	27	2,5
Introdutor de movimento	21	2
<b>TOTAL</b>	<b>1199</b>	<b>100</b>

Tab. 1 - Funções expressas pelo item *assim* no português brasileiro

A tabela 1 mostra que os usos mais frequentes de *assim* no corpus analisado estão situados na esfera textual da língua, atuando, por exemplo, como advérbio anafórico e advérbio catafórico. Juntas, essas duas funções somam 685 ocorrências de *assim* (57% dos dados). Esse resultado ratifica a hipótese levantada por Bybee (2003) de que itens lexicais (ou itens mais concretos) tendem a ser menos expressivos na língua do que os itens gramaticais (mais distantes do plano referencial), cuja frequência é quase sempre maior. Nesse sentido, a grande quantidade de casos de *assim* exercendo funções textuais, tais como as de advérbio anafórico, advérbio catafórico, advérbio relacional, conjunção e introdutor de episódios é mais uma prova de que esse elemento está se gramaticalizando no português brasileiro.

Ademais, os usos de *assim* como introdutor de Conteúdo comunicado, operador aproximativo de subatos referencial e adscritivo, organizador de tópico e marcador discursivo são alguns dos casos que apontam para o desenvolvimento de funções mais discursivas para esse item, corroborando a proposta de GR de Traugott (1982) e Traugott (1999).

No caso de *assim*, as funções textuais mais recorrentes são as de advérbio catafórico, com 35% (425/1199) dos dados e advérbio anafórico, com 21% (260/1199) dos dados analisados. Com relação às funções discursivas, o que se nota na tabela é que os usos mais frequentes são os de introdutor de Conteúdo comunicado, operador aproximativo de subatos referencial e adscritivo e organizador de tópico. Dentre essas funções discursivas, a que mais se destaca é a de *assim* como introdutor de Conteúdo comunicado, com 12% (145/1199) dos casos. Já os usos de *assim* como operador aproximativo de subato adscritivo somam 7,5% (86/1199) das ocorrências, e como marcador discursivo apenas 2,5% (27/1199).

Correlacionando os diferentes usos de *assim* com as camadas e os níveis de organização da GDF (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008), observamos que os usos mais concretos, que pertencem ao domínio do conteúdo (SWEETSER, 1991), e os usos textuais estão situados nas camadas semânticas do Nível Representacional, enquanto os usos mais discursivos, tais como os de introdutor de Conteúdo comunicado, operador aproximativo de subatos referencial e adscritivo, organizador de tópico e marcador discursivo, estão situados nas camadas pragmáticas do Nível Interpessoal, o que atesta a expansão funcional desse elemento em direção ao componente pragmático, isto é, em direção à dimensão comunicativa do falante/ouvinte. Esses usos se distribuem perfeitamente entre os três domínios funcionais (proposicional > textual > discursivo) que compõem a proposta de Traugott (1982).

#### 4.2. Nível de atuação do item linguístico *assim*

Com relação aos níveis Representacional e Interpessoal, verificamos o seguinte:

Níveis de atuação	Item linguístico	%
	<i>assim</i>	
Nível Representacional	856	71
Nível Interpessoal	343	29
<b>TOTAL</b>	1199	100

Tab. 2 - Nível de atuação do item linguístico *assim*

Com base na tabela 2, notamos que o item *assim* transita entre os dois níveis de organização da linguagem, o Representacional e o Interpessoal. No entanto, o destaque fica para os usos de *assim* que operam no Nível Representacional da GDF, com 71% (856/1199) do total dos dados catalogados, contra 29% (343/1199) dos dados que operam no Nível Interpessoal. Apesar da predominância de usos de *assim* no Nível Representacional, o que se verifica é que

esse item está, de fato, assumindo funções cada vez mais gramaticais em direção ao componente interpessoal da língua. Esse resultado, em conjunto com os números listados na tabela 1, confirma a hipótese formulada na introdução do trabalho, que sugere a expansão funcional do item *assim* rumo a categorias pragmáticas/interacionais, mais gramaticalizadas, passando, antes, pelas categorias semânticas, que incluem os usos textuais.

### 4.3. Camadas de atuação nos níveis Representacional e Interpessoal

Analisando a atuação do item *assim* em cada uma das camadas dos níveis Representacional e Interpessoal, podemos mensurar a relação de escopo desse elemento em direção a usos mais abstratos e gramaticais, que se situam nas camadas mais elevadas:

	Item linguístico	%
<b>Nível Representacional</b>	<i>assim</i>	
Propriedade	-	-
Indivíduo	-	-
Evento	819	95
Episódio	4	1
Conteúdo proposicional	33	4
<b>Subtotal</b>	<b>856</b>	<b>79</b>
<b>Nível Interpessoal</b>		
Conteúdo comunicado	295	86
Ato discursivo	27	8
Movimento	21	6
<b>Subtotal</b>	<b>343</b>	<b>21</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1199</b>	<b>100</b>

Tab. 3 - Camadas de atuação do item linguístico *assim*

Como se pode verificar, os usos de *assim* operam tanto nas camadas do Nível Representacional quanto nas camadas do Nível Interpessoal. Esse resultado comprova que o item *assim* em análise está passando por um processo de GR. Assim, pode-se dizer que a trajetória de GR (Representacional → Interpessoal) é bastante apropriada para esse item.

## 5. Representação dos usos de *assim* na GDF

### 5.1. Usos de *assim* no Nível Representacional

Levando-se em consideração as categorias semânticas da GDF, os usos de *assim* podem ser sistematizados da seguinte forma, começando pelos usos mais concretos:

Usos dêiticos		
(12)	coloca ele [o pau do carrinho de rolimã] <b>assim</b> (AC-007; RP: L. 90)	Advérbio de modo
	NR: (e <sub>i</sub> : (f <sub>j</sub> : [(f <sub>j</sub> : colocar (f <sub>j</sub> ): (f <sub>k</sub> : <i>assim</i> (f <sub>k</sub> ) (x <sub>i</sub> ))] (f <sub>i</sub> )) (e <sub>i</sub> ))	
	= (m <sub>j</sub> : (f <sub>j</sub> : <i>assim</i> <sub>Advmodo</sub> (f <sub>j</sub> ) (m <sub>i</sub> ))	

Em (12), *assim* funciona como modificador do verbo *colocar*, especificando o modo como o pedaço de pau deve ser utilizado. É um uso que atua na predicação central.

Usos anafóricos		
(13)	contava às vezes conta das ex namora::da (que ele tinha) namora::do... até uma vez ele falou que a única pessoa que ele quis ter alguma coisa séria foi comi::go né? essas coisas <b>assim</b> ele sempre conta (AC-064; NR: L. 49-52)	Advérbio anafórico
	NR: (p <sub>i</sub> : (f <sub>i</sub> : [(f <sub>j</sub> : contar (f <sub>j</sub> ) (x <sub>i</sub> ) (p <sub>j</sub> : (f <sub>k</sub> : assim (f <sub>k</sub> ))] (p <sub>i</sub> )) (p <sub>i</sub> ))	

Em (13), o item *assim* faz remissão anafórica a proposições explicitadas anteriormente no texto. Nesse caso, o item *assim* opera na camada da proposição.

Usos catafóricos		
(14)	Doc.: <sup>8</sup> [é?...] como que cê faz pá lavar <b>assim</b> o tapete? Inf.: o taPE::te? eu estendo ele no chão jogo sabão em pó... esfrego bem enxáguo ele numa aguinha de Confort... enxáguo... de novo e ponho no varal... (AC-032; RP: L. 174)	Advérbio catafórico
	NR: (e <sub>i</sub> : lavar (x <sub>i</sub> : assim) (x <sub>i</sub> ) (e <sub>i</sub> ))	

No exemplo (14), o item *assim* atua como advérbio catafórico, referindo-se à categoria indivíduo (x) o *tapete*. Nessa ocorrência, o item *assim* faz referência a um constituinte linguístico que atua como argumento do verbo *lavar*. Trata-se de um uso que opera na camada da predicação, situada no nível representacional.

A ocorrência (15) representa um caso de *assim* como introdutor de episódios:

Usos como introdutor de episódios		
(15)	[uhum] <sup>8</sup> tá uma comida que eu sei fazer bem é é arroz temperado... então eu faço <b>assim</b> ... é:: compro os legumes na feira né? arro::é:: batati::nhá ceno::ura va::gem a ceboli::nhá... o fra::ngo e costume fazer tudo em panela separada...cozinho batata separa::da o mi::lho tudo separadinho <b>depois que</b> o coz/já faço o arroz arroz branco... com sal alho... normal...depois eu frito o frango faço frango frito:: né? <b>ai</b> depois é <i>você</i> né? [...] põe o tempero (AC-064; RP: L. 147-153)	Introdutor de episódios
	NR: assim (ep <sub>i</sub> , (ep <sub>j</sub> ), (ep <sub>l</sub> ), (ep <sub>m</sub> )...(ep <sub>n+1</sub> ))	

Como se observa, em (15), o item linguístico *assim* é usado para introduzir vários episódios dispostos em uma sequência coerente e organizada. Esses episódios inseridos por *assim*, em construções do tipo “eu faço assim”, “o negócio é assim”, “a receita é assim”, “você pode fazer assim” formam um evento discursivo maior ou o que Hengeveld e Mackenzie (2008) chamam de *cadeia narrativa*. É importante destacar que um episódio pode ser constituído por vários eventos, como em (ep<sub>i</sub>: [(e<sub>i</sub>) (e<sub>j</sub>) (e<sub>k</sub>)] (ep<sub>i</sub>)).

Usos como advérbio relacional		
(16)	é uma cidade calma [casa da avó] num tem briga num tem aquelas coisa que a gente tá acostumado aquele movimento sabe <b>e assim</b> eu acho impressionante porque sempre que eu vou prá cidade da minha avó tem velório sabe [...] porque o velório fica no fundo da casa da minha vó (AC-048; DE: L. 236-265)	Advérbio relacional
	NR: (p <sub>1</sub> ) (f <sub>i</sub> : (f <sub>i</sub> : e_ assim <sub>AdvRelacional</sub> (f <sub>i</sub> ) (f <sub>i</sub> )) (p <sub>2</sub> ))	

Os advérbios relacionais são elementos que ‘acumulam’ as funções anafórica e relacional (conjunção), pois são elementos que, ao mesmo tempo em que fazem referência anafórica, estabelecem algum tipo de relação semântica entre as unidades a que estão associados. Em (16), por exemplo, o item *assim*, em combinação (ou não) com a conjunção coordenativa *e*, atua como advérbio relacional, estabelecendo a relação semântica de conclusão/explicação entre dois conteúdos proposicionais (p). Essa leitura é reforçada pela proximidade com a conjunção “e” e pelas informações contextuais.

Usos conjuncionais: conjunções coordenativas		
(17)	a família da menina é muito rica né?... muito rica mesmo muito poderosa que acho que se descobrisse quem era com certeza ele estaria elimiNA::do né?...porque eu acho que:: tem tio juiz::... acho que/...tios delega::do...promoTOres ... são família da ALta sociedade daqui de São José do Rio Preto né?... e::... <b>assim</b> eu dei um::/ foi até um alívio assim que num ficaram sabem(d)o né? porque com certeza ele estaria morto... e eu ficaria triste (AC-069; NR: L.111)	Conjunção coordenativa
	NR: (p <sub>1</sub> ) (f <sub>i</sub> : (f <sub>i</sub> : assim <sub>ConjCoordenativa</sub> (f <sub>i</sub> ) (f <sub>i</sub> )) (p <sub>2</sub> ))	
Usos conjuncionais: conjunções subordinativas		
(18)	com fogo baixo...aí mexe até cansar... <b>assim que</b> desgrudar da panela eu coloco numa outra vasilha (AC-018; RP: L. 104)	Conjunção subordinativa
	NR: (e <sub>1</sub> ) (f <sub>i</sub> : (f <sub>i</sub> : assim_que <sub>ConjSubordinativa</sub> (f <sub>i</sub> ) (f <sub>i</sub> )) (e <sub>2</sub> ))	

Em (17), o item *assim* exerce o papel de conjunção coordenativa conclusiva entre dois conteúdos proposicionais. Nesse caso, observamos que *assim* está alocado em fronteiras limítrofes da oração (posição inicial), já desvinculado de outros elementos conectivos (como a conjunção *e*). Em (18), a perífrase conjuncional *assim que* (LONGHIN, 2003), da qual o item *assim* é parte integrante, é uma conjunção subordinativa, que estabelece uma relação temporal entre a oração principal e a oração adverbial. Essa leitura é, certamente, reforçada pela atuação e natureza semântica da integrante *que* (da perífrase). Os usos conjuncionais de *assim*, listados acima, operam nas camadas semânticas do nível representacional (evento e proposição).

Usos como introdutor de Conteúdo comunicado		
(19)	Inf.: éh:: foi assim eu tava numa casa de uma colega MINHA... aí ela <b>falou assim</b> que tinha que apresentar uns menino (AC-078; NR: L. 89)	Introd. Conteúdo comunicado
	NR: (e <sub>i</sub> : (f <sub>i</sub> : [(f <sub>j</sub> : falar (f <sub>j</sub> )) (x <sub>i</sub> ) <sub>Φ</sub> (C <sub>i</sub> : (f <sub>i</sub> : que tinha que apresentar uns menino (f <sub>i</sub> )) (C <sub>i</sub> ) <sub>Φ</sub> ]) (f <sub>i</sub> )) (e <sub>i</sub> ) <sub>Φ</sub> )	

Em (19), *assim* é usado pelo falante para introduzir uma unidade interpessoal, o Conteúdo comunicado, como argumento do verbo *falar*. Trata-se de uma ocorrência, em que uma categoria pragmática passa a atuar na camada do evento. Em termos de GR, a ocorrência em (19) representa um dos primeiros contatos com o nível interpessoal.

## 5.2. Usos de *assim* no Nível Interpessoal

Além dos usos de *assim* nas camadas do Nível Representacional, esse elemento pode também atuar nas camadas do Nível Interpessoal, exercendo diferentes funções.

Usos como operador aproximativo		
(20)	Doc.: e o da sua mãe? Inf.: o da minha mãe::... eu num sei o nome daquela cor mas acho que é salmão ou algo [assim... é::] [Doc.: aham] é:: bonito chama... a parede mais escura acho/ É:: quase <u>laranja</u> <b>assim</b> SEMpre TEM as paredes mais CLARas e depois a esCUra (AC-010-DE; L. 217-221)	Operador aproximativo de subato adscritivo
	NI: (approx <sub>assim</sub> (T <sub>i</sub> : laranja (T <sub>i</sub> )))	
(21)	aí a gente chamô(u) minha mãe pra me levá(r) [...] lá no Santa Helena num tinha ninguém pra me atendê(r) aí eu fui na Beneficência... aí lá me trataram bem:: perguntaram tu::do que tinha aconteci::do... e eu fui falan(d)o... aí colocaram um::...cervical <u>alguma coisa</u> <b>assim</b> sabe?... então aí eu fiquei... lá na:: me deram so::ro me deram um monte de coisa pra mim tomá(r)...(AC-009; NE: L. 38)	Operador aproximativo de subato referencial
	NI: (approx <sub>assim</sub> (R <sub>i</sub> : alguma coisa (R <sub>i</sub> )))	

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os subatos adscritivos (T) e os subatos referenciais (R) são categorias pragmáticas que compõem o Conteúdo comunicado do Nível Interpessoal. Para a GDF, o esquema geral de organização dos subatos referenciais em relação à presença de modificadores é a seguinte:

$$(22) \quad (\text{II Ri: } [(T_i) (T_j: [ ] (T_j): \text{felizmente/infelizmente } (T_j))] (R_i))$$

Já para os operadores de subatos adscritivos, o esquema é o que segue:

$$(23) \quad \begin{array}{l} \text{a. } (\text{approx } (T_1)) \\ \text{b. } (\text{emph } (T_1)) \end{array}$$

Uma das contribuições deste trabalho, que é também discutida em Braga e Souza (2008), é a descoberta de um operador aproximativo para os subatos referenciais, até então proposto apenas para os subatos adscritivos. Os dados do Português atual atestam que o item *assim* pode atuar tanto como operador aproximativo de subato adscritivo, como em (20), quanto como operador aproximativo de subato referencial, em (21). Na ocorrência (20), *assim* funciona como operador aproximativo em um sintagma adjetival, isto é, um subato adscritivo. Nesse caso, *assim* atua como um operador de mitigação, especificando *mais ou menos* como é a cor das paredes do quarto da mãe [que é parecida com a cor laranja]. Já em (21), tem-se um caso de *assim* que opera como operador aproximativo de subato referencial, com função

também mitigativa. Observe que, neste caso, *assim* toma como escopo o sintagma nominal *alguma coisa*, cujo objetivo do falante é informar que algo foi colocado em seu pescoço, ainda que não soubesse exatamente o que era [se era um cervical ou alguma coisa parecida com isso]. São usos que se aproximam da definição de “hedge(s)” de Lakoff (1973). Em seu estudo, o autor também lista alguns itens do Inglês que apresentam função mitigadora.

Em razão dos resultados do presente estudo e da contribuição de Braga e Souza (2008) para o desenvolvimento de alguns aspectos teóricos do modelo da GDF, a inserção de um operador aproximativo também para subatos referenciais foi recentemente acatada por Hengeveld e Keizer (2009) em um estudo sobre os operadores de subatos adscritivos e referenciais, realizado a partir de uma perspectiva funcional tipológica de análise.

A nossa proposta de análise para subatos referenciais é a que segue em (24):

- (24) (II R<sub>1</sub>: Núcleo (R<sub>1</sub>): modificador (R<sub>1</sub>))  
- proposta: (**approx** (R<sub>1</sub>))

A presença de *assim* na camada do Conteúdo comunicado (subatos adscritivos e referenciais) é mais uma evidência de que esse elemento está se gramaticalizando e assumindo funções interpessoais (situadas no contexto do falante/ouvinte), fato que mais uma vez atesta a hipótese formulada nas seções iniciais deste estudo.

Na ocorrência (25), *assim* introduz um Conteúdo comunicado:

<b>Introdutor de Conteúdo Comunicado</b>		
(25)	meu filho costuma conversar com ela pelo:: pela internet na <i>lan house</i> [...] e:: e ele conversando com ela né e conversando com uma prima minha e:: de repente eles parou de conversar com a mi/ com minha irmã e começou falar com a minha prima e minha irmã brava com ele perguntando pra ele –“com quem você tá falando”– aí ele falou <b>assim</b> –“eu tô falando com a Tami::res” – aí falou <i>assim</i> –“ah! tá”–[...] (AC-078; NR: L.100)	Introdutor de Conteúdo comunicado
	NI: (M <sub>1</sub> : (A <sub>1</sub> : (F <sub>1</sub> : DECL (F <sub>1</sub> )) (P <sub>1</sub> ) <sub>S</sub> (P <sub>1</sub> ) <sub>A</sub> (C <sub>1</sub> : [- eu tô falando com a Tamires -] (C <sub>1</sub> ): Σ (C <sub>1</sub> )) (A <sub>1</sub> )) (M <sub>1</sub> ))	

Na ocorrência (25), o item *assim* é usado como introdutor de Conteúdo comunicado, que, na construção acima, é estruturalmente expresso por meio de uma oração finita. Nessa ocorrência, o item *assim* introduz exatamente aquilo que foi comunicado por um terceiro (fonte da informação, isto é, a pessoa que falou alguma coisa).

<b>Usos como marcador de foco e introdutor de tópico</b>		
(26)	Doc.: e <b>assim</b> com relação aos filhos do senhor alguma situação... que eles já passaram que o senhor já tinha me dito que ia falar que co/ eles e eles contaram pro senhor e o senhor num esqueceu <i>assim</i> o senhor pode tá falando (AC-101; NR: L. 79-81)	Introdutor de tópico
	NI: (C <sub>1</sub> : [(R <sub>1</sub> : filhos) <sub>Top</sub> (T <sub>1</sub> : passaram) <sub>F</sub> (T <sub>1</sub> : situação) <sub>Foc</sub> ] (C <sub>1</sub> ))	

O caso de *assim*, em (26), atua na organização de cadeias tópicas, mais especificamente na introdução de elementos tópicos no processo interacional. Em (26), a documentadora utiliza o item *assim* como estratégia linguística para introduzir o tópico *os filhos [do informante]* para, a partir daí, questionar o informante sobre possíveis acontecimentos relacionados aos filhos. Trata-se de um uso que opera na organização do discurso, no Conteúdo comunicado.

Usos como marcador discursivo		
(27)	F. cê já... VI::U <b>assim</b> particiPÔ::(U) de alguma BRIGa alguma coisa...que marCÔ(U)?...pode falá(r) pra gente? (AC-010-NE; L.46)	Marcador discursivo
	NI: (M <sub>1</sub> : [(A <sub>1</sub> ) <b>assim</b> <sub>MarcadorMetadiscursivo</sub> (A <sub>2</sub> ) <sub>Φ</sub> ] (M <sub>1</sub> ) <sub>Φ</sub> )	

Como se verifica, em (27), *assim* exerce o papel de marcador metadiscursivo, cuja função é corrigir ou reformular aquilo que foi dito anteriormente pelo falante. É um uso que evidencia o processamento cognitivo do falante no momento da interação, uma vez que as correções, reformulações e mudanças ocorrem durante a comunicação.

Por fim, o uso que ilustramos a seguir é um caso de introdutor de movimento:

Usos como introdutor de movimento		
(28)	Doc.: sabe o que eu queria que cê me contasse também se puDESSE ...como você conheceu seu... <sup>2</sup> [atual] namorado... Inf.: <sup>2</sup> [namorado?] ahn... éh:: foi <b>assim</b> eu tava numa casa de uma colega MINHA... <i>aí</i> ela falou <b>assim</b> que tinha que apresentar uns menino queria apresentar uns menino <i>aí</i> no meu dos menino tava ELE <i>aí</i> foi <b>assim</b> amor à primeira vista... [Doc.: hum] <i>aí</i> :: ele pegou e pe/pe/ perguntou se eu queria ficar com ele eu falei que eu queri::a a gente começou ficar naquele dia <i>aí</i> passaram uns dois meses a gente num se viu mais... [Doc.: hum] <i>aí</i> do nada eu encontrei ele <b>assim</b> <i>aí</i> a gente começou ficar de novo ele pediu eu em namo::ro e a gente tá até ho::jê (AC-034; NE: L. 15-24)	Introdutor de movimento
	NI: <i>assim</i> (M <sub>1</sub> : [ <i>aí</i> (A <sub>1</sub> )... <i>aí</i> (A <sub>2</sub> ) ... <i>aí</i> (A <sub>3</sub> )... <i>aí</i> (A <sub>4+n</sub> ) <sub>Φ</sub> ] (M <sub>1</sub> ) <sub>Φ</sub> )	

Em (28), *assim* opera na introdução de movimento. Em outras palavras, em (28), o item *assim* atua na camada do movimento, que é a camada mais gramatical, abstrata e expressiva do nível pragmático. Nessa ocorrência, *assim* introduz um movimento de reação (ao comando do documentador), que, por sua vez, é constituído por vários atos discursivos, que são inseridos por meio de outros usos do item *aí* no português falado.

## 6. Generalizações sincrônicas: o percurso de mudança de *assim*

Relacionando as ocorrências de *assim* às diferentes categorias semânticas e pragmáticas dos níveis Representacional e Interpessoal, temos o seguinte:

ITEM	Categorias da GDF							
	Nível Representacional					Nível Interpessoal		
	f	x	e	ep	p	C	A	M
<i>Assim</i>	-	-	+	+	+	+	+	(+)

Quadro 4 - Correlação entre o item *assim* e os níveis da GDF

Em termos de GR, a análise dos dados mostra que o item linguístico *assim* encontra-se em um estágio bastante avançado de GR, dada a sua extensão funcional em relação às camadas dos níveis representacional (e, ep, p) e interpessoal (C, A, M) da GDF (SOUZA, 2009). Esse aspecto é confirmado também pelos parâmetros de GR de Lehmann (1995), que

sugerem uma relativa perda de autonomia sintático-semântica de *assim* nos dados analisados do português falado do interior paulista, que é uma característica dos termos em GR.

Nesse sentido, o percurso de GR de *assim* corrobora as ideias de Traugott (1982, 1995) não apenas no que tange ao papel do contexto no surgimento de novos usos na língua, como também no que tange ao caráter unidirecional da mudança [proposicional > textual > expressivo], que parte quase sempre do componente proposicional rumo ao componente expressivo da língua. Vejamos o percurso de GR de *assim* na GDF:

Categorias representacionais	Categorias interpessoais
evento > episódio > proposição	> conteúdo comunicado > ato discursivo > (movimento)

Quadro 5 - O percurso de GR de *assim* na GDF

### Considerações finais

A partir da observação das categorias semânticas (propriedade, indivíduo, evento, episódio, conteúdo proposicional) e pragmáticas (conteúdo comunicado, ato discursivo e movimento) propostas pela GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), mostramos neste estudo que o uso mais concreto de *assim*, o de advérbio de modo, está situado na camada do evento/predicação (mais especificamente na predicação), do Nível Representacional, e, à medida que esse item vai assumindo outras funções na língua, tais como funções textuais (advérbio anafórico, advérbio catafórico, introdutor de episódios, advérbio relacional e conjunção coordenativa e subordinativa) e funções discursivas (introdutor de Conteúdo comunicado, operador aproximativo de subatos referencial e adscritivo, marcador discursivo, organizador de tópico e introdutor de movimento), esse elemento passa também a operar em outras camadas dos níveis representacional e interpessoal, percorrendo uma trajetória unidirecional de mudança, que vai do Representacional para o Nível Interpessoal:

Deit. > fórico > introd. epis. > adv. rel. > conj. coord. > oper. sub. ads. > intr. cont. com. > org. top. > marc. disc. conj. subord. oper. sub. ref.
---

Quadro 6 - Trajetória de GR de *assim* no Português falado do noroeste paulista

No quadro 6, observamos que, além de operar no nível semântico, *assim* opera também na camada mais elevada do nível interpessoal (o *movimento*), que é definida por Souza (2009) como a camada mais gramatical/interacional e alvo de *assim*.

### Referências bibliográficas

- BARBOSA, J. S. *Gramática philosophica da língua portuguesa*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1881.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999/2005.
- BRAGA, M. L. *Aí e seus caminhos*. In: URBANO, H. et alii. (org.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p. 200-207.
- BRAGA, M. L.; SOUZA, E. R. F. *Estou com uns problemas aí: o uso de aí como operador aproximativo no Português Brasileiro*, 2008 (em preparação).

- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 19, 1997, p. 25-64.
- CUNHA, C. F., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publication, 1989.
- GASPARINI-BASTOS, S. D. *Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara, 2004.
- GONÇALVES, S. C. L. *Projeto ALIP: O português falado na região de São José do Rio Preto*. Relatório científico parcial II à FAPESP. São José do Rio Preto: FAPESP, 2006.
- GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2007.
- HEINE, B., et alii. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: UCP, 1991.
- HENGEVELD, K. Dynamic expression in Functional Discourse Grammar. In: GROOT, C., HENGEVELD, K. (Eds.). *Morphosyntactic expression in Functional Grammar* (FGS 27). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.53-86.
- HENGEVELD, K., KEIZER, E. Non-straightforward communication. In: KEIZER, E., WANDERS, G. (Eds.). *Special Issue: The London papers I*. Amsterdam: Functional Grammar Foundation, 2009, p. 29-50..
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure*. Oxford: OUP, 2008.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- HOPPER, P., TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 1993.
- ILARI, R. et alii. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, 1990, p. 63-141.
- KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in FDG. *Revista Alfa*. Advances in Functional Discourse Grammar, v. 51, n. 2, 2007, p. 35-56.
- LAKOFF, G. Lexicography and Generative Grammar I: Hedges and meaning criteria. In: MCDAVID, R. I., AUDREY, R. D. (Eds.). *Lexicography in English*. New York: New York Academy of Sciences, 1973, p. 144-153. LEHMANN, C. *Thought on grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995.
- LEHMANN, C. *Thought on grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thought on grammaticalization: a programatic sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v.1.), 1995 [1982].
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. *A Gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 2003.
- LOPES-DAMÁSIO, L. R. A emergência do marcador discursivo assim sob a óptica da gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto?, 2008.
- NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da UNICAMP. v. II. 1992, p. 261-295.
- SCHILLER, E. *Why do creoles have serial verb constructions*, 1999. Disponível em: [http://www.ericsschiller.com/ling/papers/why\\_svc](http://www.ericsschiller.com/ling/papers/why_svc). Acesso em 26/11/07.
- SEBBA, M. *The syntax of serial verbs*. Amsterdam: Benjamin, 1987.
- SOUZA, E. R. F. Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já e aí* no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 2009.



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

TRAUGOTT, E. Subjectification in grammaticalization, In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (eds.) *Subjectivity and subjectivisation*. Linguistic perspectives, Cambridge: CUP, 1995, p. 31-54.